



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

GENERO E JUVENTUDE RURAL: DIARIOS COMO INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Silvia Regina Marques Jardim¹⁰⁶
(UESB)

RESUMO

O artigo estuda juventude rural e gênero por meio do estudo de diários de meninas adolescentes que vivem em um assentamento rural. Os resultados mostram que os diários podem ser uma fonte rica de dados, pois permitem ver como as adolescentes interagem com sua realidade a partir de fatos cotidianos. Ao escreverem, as jovens tornam vivas suas respostas aos momentos que vivem; escrevem sobre paixões, sonhos, dificuldades; questionam preconceitos; descrevem sentimentos de angústias perante o exercício do poder paterno. As escritas evidenciam as diferentes formas com que as meninas adolescentes do meio rural se posicionam no seu contexto social, atribuem sentidos ao cotidiano e fortalecem suas identidades ao produzir mecanismos de resistência às imposições de normas e por aspirações educacionais e profissionais.

PALAVRAS – CHAVE: Juventude Rural. Relações sociais de gênero. Diários.

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz um recorte da pesquisa desenvolvida no doutorado que procurou relacionar as temáticas relações sociais de gênero, educação e juventude rural, dando atenção para o que adolescentes do sexo feminino que vivem em um assentamento de Reforma Agrária pensam sobre juventude. O presente texto tem como intenção abordar como a pesquisa teceu sua orientação metodológica e a criação de instrumento de produção de dados: diários íntimos.

O interesse em realizar a pesquisa em um assentamento se dá por entender que ele carrega em seu cerne muitas aspirações de movimentos sem-terra que não só reivindicam a posse da terra, mas lutam por melhores condições de vida pautadas na defesa de direitos sociais. Esses movimentos valorizam as

¹⁰⁶ Doutora em Educação Escolar, UNESP, Araraquara, SP; Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Campus de Vitória da Conquista. E-mail: silvia_uesb@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

experiências e os objetivos de mulheres e de homens que vivem de atividades agrícolas e reconhecem as famílias camponesas como sujeitos que dialogam com distintos universos simbólicos e culturais (FIAMENGUE, 1997). E o interesse em estudar as relações sociais de gênero dentro da temática que envolve o rural é justificado pelo fato de que

A história de mulheres na constituição e trajetória dos assentamentos é marcada por muitos atos de discriminação naturalizada. Discriminação respaldada pelas visões patriarcais do projeto estatal, pelo atraso na extensão dos direitos trabalhistas e previdenciários, pela exclusão, por bom tempo, em programas de crédito/comercialização/investimentos (FERRANTE, 2010, p. 14).

Dados da pesquisa de FERRANTE (2010) revelam que as políticas públicas voltadas para os assentados têm procurado, em teoria, incorporar as questões de gênero e os diversos movimentos de mulheres rurais têm interferido positivamente para a superação de desigualdades e violências que marcam a vida das mulheres assentadas e trabalhadoras. Porém, nas relações estabelecidas no cotidiano, ainda há muito a ser conquistado. Nos assentamentos, ainda prevalece um modelo de família baseado na ideologia patriarcal em que a divisão de espaços é delimitada: às mulheres cabe o espaço da casa, cuidado dos filhos e da produção de alimentos dentro do lote. Os homens, “chefes de família” assumem o espaço público: nos sindicatos, nas esferas de lazer, nas associações e na comercialização dos produtos. O trabalho da mulher é invisível, uma pequena ajuda ao marido ou uma “reserva” para as épocas de plantio ou colheita ou uma extensão do trabalho da casa por qual é “naturalmente” responsável (ser esposa, dona de casa, mãe). Muitas vezes, elas próprias, incorporando o discurso da ideologia dominante, consideram seu trabalho de menor valor.

Apesar de mudanças captadas na pesquisa que realizei, as mulheres oscilam entre resistir e aceitar modelos, como sendo naturais ou, ainda, entendidos como resultado de uma escolha livre. Nas situações de resistências, as mulheres buscam



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

o trabalho assalariado, fora do assentamento, participam de associações e procuram, incessantemente, desenvolver estratégias diversas para romper com formas dissimuladas de violências de gênero. E, apesar dos entraves, as mulheres não deixam de lutar por ideais que consideram importantes para a Reforma Agrária.

A metodologia construída durante a pesquisa procurou ser fiel aos estudos rurais que defendem uma metodologia eficiente e, ao mesmo tempo, comprometida em desvelar preconceitos contra o rural e os sujeitos que nele atuam. Uma metodologia que, segundo WHITAKER (2002), assumisse uma flexibilidade, uma vez que pensar o outro implica em desapegos do que, aparentemente, está dado ou que é considerado aceito. O objetivo era buscar uma metodologia que atendesse ao propósito de captar como as adolescentes constroem processos de interação com sua realidade e com os sujeitos que fazem parte dessa realidade a partir de elementos vivenciados em seu cotidiano. Portanto, foi adotada como orientação metodológica, a abordagem qualitativa, uma vez que ela permite olhar para as ações cotidianas e a aproximação com pessoas, seus comportamentos, modos de pensar e de sentir que, muitas vezes, são ignorados.

Assim, a pesquisa contempla uma dimensão micro ao delimitar o tempo e o espaço para apreender o modo de vida dessas meninas e mulheres. Considero que o estudo de uma situação específica permite que as diferenças sejam postas em evidência, sem perder ou ignorar a análise geral, a totalidade. Pelo contrário, trata-se de ver como o sujeito ocupa lugar na totalidade, deixando fluir sua experiência individual. Em resumo, o que se pretende é valorizar uma metodologia qualitativa, sem desmerecer, é claro, a importância que dados quantitativos possuem para toda e qualquer pesquisa.

Para isso, foram identificadas doze adolescentes do sexo feminino, com idade entre 12 e 15 anos, estudantes da escola do campo, que fica localizada em um



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Assentamento, no interior do Estado de São Paulo que aceitaram participar da pesquisa e se dispuseram a escrever diários. A intenção foi dar importância para os aspectos cotidianos para captar as manifestações das práticas culturais partilhadas pelos atores sociais que vivem no assentamento. É no cotidiano que o sujeito vive regras e seus modos de viver podem se apropriar ou desviar suas opções em relação às regras. A aproximação com o cotidiano permite

...colher os dados da transformação cultural, e realizar a observação das práticas culturais – sua desestruturação e sua reconstrução – e é em meio às práticas culturais e ao trabalho, que se tecem as representações que organizam os homens, no processo dinâmico em que constroem a História (WHITAKER, 1984, p.45)

Os contatos com as estudantes foram realizados logo no início do ano letivo e os cadernos foram entregues logo a seguir. Tive como critério para escolha das meninas o fato de estarem estudando na Escola do Campo, a fim de melhor perceber questões educativas e culturais próprias do campo. O contato com as meninas dentro da escola propiciou, à fase de coleta de dados, um caráter oficial ou escolar, o que facilitou o acesso às estudantes e também propiciou certa responsabilidade em escrever vinda das meninas.

Os diários se tornaram importante fonte de dados para este trabalho. São histórias individuais relacionadas com o contexto de serem mulheres, pertencerem a um assentamento de Reforma Agrária, vivenciarem sua juventude. Interessante lembrar que diários íntimos são considerados por historiadores como fontes documentais e são retratados na Literatura. O diário é considerado uma prática de escrita feminina desde o século XVIII e suas autoras chegam mesmo a considerá-lo, muitas vezes, como uma “pessoa” íntima, em quem se pode confiar. Disso, decorre o uso de expressões vigentes ainda hoje como “meu querido diário”. Parece existir, no diário, uma espécie de “encantamento” ou uma relação de confiabilidade em que sentimentos íntimos são expressos sem censuras. Aliás, livrarias e papelarias



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

costumam vender 'diários' e muitos apresentam capa de cor de rosa e com cadeado, o que pode sinalizar para um signo da intimidade e do segredo.

Após uma exposição sobre o que eu estava fazendo (uma pesquisa sobre juventude) e sobre o que estava interessada em ver (o que as meninas pensavam a respeito da sua juventude), entreguei a elas um caderno e pedi que ele fosse considerado um Diário e que elas poderiam escrever "o que quisessem" sobre suas vidas. Garanti o anonimato das escritas e procurei deixar claro, a elas, o meu respeito pelo desejo em escrever o diário e participar da entrevista. Nos diários, na contracapa do caderno, havia uma carta escrita a elas que reforçava o meu respeito à autonomia do sujeito e reafirmava que deveriam sentir-se livres para parar de escrever em qualquer momento que desejassem. Também foi escrito um documento de solicitação às mães (ou responsáveis) para a participação de suas filhas na pesquisa, pois eram menores de idade.

No início, houve resistência ou receio por parte das meninas em relatar fatos do cotidiano no diário, mas à medida que visitava a escola e conversava com elas, fui conquistando simpatias e confianças e elas passaram a escrever. Esses contatos só foram possíveis graças à autorização da diretora da escola que me recebeu muito bem e permitiu minha visita à escola com frequência. Importante ressaltar que visitava regularmente à escola, lia os diários, os devolvia e era situação comum estabelecer diálogos com as adolescentes sobre as situações descritas. Essas atitudes possibilitaram o estabelecimento de uma relação de amizade e elas passaram a sentir mais confiança em mim como pessoa (e não como pesquisadora) e, com menos receio, as meninas passaram a ver a possibilidade de conversar com alguém e narrar fatos que vivenciavam. Embora o diário fosse o instrumento principal de produção de dados, foram feitas entrevistas com as adolescentes para aprofundar temas tratadas nos diários e também entrevistamos as jovens, suas mães e avós com o propósito de aprofundar temáticas e analisar elementos que pudessem apontar ruptura e continuidade de geração no que diz



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

respeito, por exemplo, aos anseios, experiências e necessidades que configuram a diversidade de vivências das mulheres rurais.

As jovens, por meio dos diários, permitiram que meu olhar se abrisse para a vida adolescente, marcada por traços de alegrias, angústias, tristezas, afetos, sonhos - uma vida revestida de poesia.

A criação desse instrumento de coleta de dados - o diário - permite vê-lo como um produto da escrita em que cada menina foi imprimindo nele sua marca, sendo muito comum o uso de desenhos e letras coloridas. Muitas usaram tais símbolos e letras de música como forma de elaboração do próprio pensamento para expressar sentimentos. Eis a importância das múltiplas formas que o ser humano tem para se expressar, ou seja, a relação entre expressividade verbal e não verbal que transcende o lado formal do uso da língua escrita tão ditada na escola: é a escolha livre de recursos linguísticos, sem preocupações com o que “ensina” a escola. Em suma, o processo de escrita revela a singularidade de um sujeito e a apropriação da língua escrita produz uma cultura, um saber e também um poder. Os diários, como o próprio nome diz, retrata situações cotidianas e, dentro desse cotidiano, emergem as experiências vividas, a realidade social. É a organização do tempo que é dividido entre o espaço da escola, o período reservado para a casa e para a família e o espaço de tempo reservado ao lazer, às relações sociais ou afetivas (SALVA, 2008).

Ao fim da coleta de dados, foram elaboradas categorias para análise por meio do estudo de temas recorrentes, comuns, divergentes ou inusitados. Temas pouco contemplados nos diários também chamam a atenção, pois, para um trabalho atento à diferença e discriminações, as lacunas não significam que determinados dados sejam inutilizáveis. A organização dos dados coletados exigiu inúmeras revisões, pois os assuntos não surgem de modo linear; foi preciso organizar e agrupar. Esse passo foi importante para que eu, enquanto



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

pesquisadora, tomasse certa distância para melhor entender o outro e conhecer aquilo que por ora era desconhecido.

Reforço que a atenção está centrada na voz feminina que emerge da memória, da oralidade, da escrita, das expressões humanas. O discurso dominante tem uma marca que é a marca do padrão que anula as diferenças, ou seja: é um discurso masculino, branco, adulto, europeu, saudável e jovem (supõe o silêncio de mulheres, dos negros, das crianças, dos idosos). Por outro lado, não é possível ignorar que o discurso dessas mulheres é resultado de um entrelaçamento de várias vozes que constituem suas identidades e que, aos poucos, vão sendo reveladas.

Os diários permitiram observar que a família e sua extensão (relações de parentesco) e também o próprio assentamento são importantes referências para as jovens no sentido de apoio moral, estabelecimentos de relações de afeto e o sentimento de pertença, importante para o fortalecimento da identidade. É a família, ainda, quem cumpre o papel de incentivar a ascensão social:

Minha mãe quer que eu faça faculdade de gestão ambiental ou estilista ou educação física, eu adoro esporte. Meu pai quer que eu seja médica. Eu sonhava em ser uma advogada chique ajudando o povo do bem. Estilista porque adoro me arrumar e arrumar minhas irmãs e fazer vestidos, desenhar. (C, 13 anos)

Todavia, a família e a comunidade representam sensações de restrição e até mesmo reprovação de condutas e de anseios, principalmente quando escrevem sobre liberdade e relacionamentos amorosos.

eu acho que estou apaixonada só que eu não sou correspondida. Eu estava pensando em contar pra minha mãe só que eu tenho medo que ela conte para o meu pai ou brigue comigo. Eu não sei o que faço (J, 13 anos)

Eu queria saber mais sobre esse mundo. As coisas em dia não são assim. Esse negócio dos pais não deixar o filho sair. Hoje os pais são mais inseguros. Alguns não têm confiança nos filhos. Eu acho



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

que as coisas teria que mudar de forma correta. Eu acho que sair de casa é um dever de todos os jovens. Minha mãe, ela não deixa eu sair de casa. Eu me sinto como um bicho preso na gaiola que não tem esperança de sair de casa. (L, 14 anos)

As jovens valorizam a educação escolar como forma de crescimento pessoal e profissional, sem que isso signifique abandonar o assentamento ou sua cultura. Pelo contrário: um instrumento importante para formação política. As moças reconhecem a educação escolar pública é desvalorizada, mas isso não é obstáculo para falar de sonhos como o de cursar um bom curso superior.

A escola é uma referência importante, pois elas desejam ascensão social e sonham em poder cursar o nível superior. Interessante que a maioria das meninas mostra um apego afetivo ao assentamento e, principalmente, à família, fato que as levam a pensar um curso e profissão, muitas vezes, condizentes com as necessidades do assentamento. Exemplo disso são aspirações ao curso de Direito e cursos voltados à área de Saúde e ao Magistério. Percebe-se uma vontade de permanecer no assentamento e contribuir com seu desenvolvimento. Observamos também que esses cursos são cursos ligados ao cuidar e defender o ser humano, cursos que são identificados como profissões de mulher. Da mesma forma que a educação escolar, o trabalho é um dos pilares que fazem parte dos projetos dessas jovens. É o sentimento de adquirir autonomia e liberdade:

Afirmção muito comum e está presente em todas as situações são os afazeres domésticos. As meninas, desde muito cedo, iniciam as tarefas da casa, ocupando o seu tempo entre a escola e os serviços domésticos que significa, por exemplo, limpar a casa, olhar os irmãos menores e fazer comida. A jovem de 14 anos desabafa:

O que a juventude? Para mim, a juventude é trabalhar em casa. De vez em quando jogar futebol. Minha mãe às vezes acha que devo passar a juventude fazendo serviço e depois sair um pouco



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Outra situação que se multiplica nos escritos é a referência aos namoros. Quando elas não namoram, elas “ficam” e o “ficar” é feito às escondidas, pois elas sentem receio da repreensão não só dos pais e familiares, mas da comunidade como um todo. Há um desejo de viver um amor, os encantamentos pelos garotos são uma constante nos diários, muitas vezes seguida de uma decepção, resultado de o garoto ter outra namorada ou “ficar” com uma garota. Frustração que logo é superada com o encantamento por outro adolescente.

É possível dizer que a realização desse trabalho possibilitou observar como cada uma dessas meninas imprimiu sua identidade por meio do registro de uma forma de olhar e sentir as relações sociais presente no cotidiano rural. Os diários permitiram uma representação de si mesmas e a expressão de uma realidade reproduzida por imagens, palavras, letras de música que fazem parte do dia a dia das meninas e essas experiências adolescentes vão ressoar na vida adulta. As marcas escritas e também as orais mostram a produção de uma cultura, mostram histórias singulares, únicas, marcadas por sonhos, alegrias e sofrimentos. São aspectos muitos comuns à humanidade nos quais as marcas de exclusão e de esperança aparecem, muitas vezes, de forma sutil, mas carregadas de sentido político, cultural e social.

O diário demonstrou ser um valioso instrumento de produção e de coleta de dados por revelar vivências da adolescência feminina no espaço do assentamento. Mais do que a entrevista, que possui limitações e, de alguma forma, introduz temas a serem abordados, os diários permitiram que as adolescentes escolhessem, de forma espontânea, os temas que compõem suas vidas e que mereciam ser vistos analisados. As adolescentes recorreram aos mais diversos recursos linguísticos para representar e traduzir a riqueza de seus modos de vida: escolheram palavras e expressões, selecionaram letras de música, poemas ou desenhos; utilizaram cores. Assinavam as páginas que escreviam, marcando a autoria não só da escrita,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mas a autoria da própria vida que se coloca no mundo e permite estar gravada na memória por meio do escrito.

Em outras palavras, as adolescentes se apropriaram, com sensibilidade poética, da língua escrita enquanto recurso da subcultura erudita, responsabilidade da instituição escolar que pode, por meio do desenvolvimento de projetos, estimular diversas formas de práticas comunicativas.

Os diários revelaram que as adolescentes estão vivendo uma fase da vida permeada por conflitos, anseios e descobertas inerentes à adolescência que são acompanhados por preocupações relacionadas ao futuro, como: continuidade dos estudos, aquisição de emprego, conquista da autonomia e constituição de uma nova família. Essas preocupações revelam a responsabilidade que adolescentes sentem quando se deparam com essa fase da vida e que não são exclusivas do meio rural, mas que podem refletir em vários grupos que compõem a complexidade da juventude.

REFERÊNCIAS

- BERGAMASCO, Sônia M; NORDER, Luiz Antonio C. **O que são assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996 (Coleção Primeiros Passos)
- CASTRO, Elisa Guaraná. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais. In: FERRANTE, Vera Lúcia S. B.; WHITAKER, Dulce Consuelo A (orgs.). **Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. Brasília: MDA; São Paulo: Uniará, 2008. p. 112-130
- CASTRO, Elisa Guaraná; MARTINS, Maíra; ALMEIDA, Salomé L. Ferreira de; RODRIGUES, Maria E. Barrios; CARVALHO, Joyce Gomes de. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009
- FERNANDES, Ângela, V. M; ALMEIDA, Cíntia P. D.; WHITAKER, D. C. A. **Educação, juventude e políticas públicas: reflexões sobre inclusão e preconceito**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008; (apresentação)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

FERRANTE, V. L. B. Assentamentos rurais: um olhar sobre o difícil caminho de constituição de um novo modo de vida. **Retratos de Assentamento**. NUPEDOR; Programa de Pós-Graduação em Sociologia. FCL – UNESP, v.1; ano, I, 1994. p. 75-155.

_____. Mulheres assentadas rurais em movimento: na casa e na rua, espaços de resistência. In: WHITAKER, D. C. A.; FIAMENGUE E. C.; VELOSO, T. M. G. **Ideologia e esquecimento: Aspectos negados da memória social brasileira**. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2010a. p. 193-231.

_____. Cidadania e políticas públicas para as mulheres rurais: Lugares atribuídos e espaços conquistados pelas assentadas. In: **I Simpósio “Feminismo, ação política e agroecologia**. Recife, novembro 2010b.

FIAMENGUE, Elis Cristina. **Entre o Espaço Vivido e o Espaço Sonhado: Imagens da Infância num Assentamento de Trabalhadores Rurais**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós Graduação em Sociologia: FCL/UNESP Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara/SP, 1997.

JARDIM, Silvia Regina Marques. **Entreaberto botão, entrefechada rosa: vivências da adolescência feminina em assentamento de reforma agrária**. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação: FCL/UNESP Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara/SP, 2011.

KOSIC, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANNHEIM, Karl. Função das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. **Educação e Sociedade**. 6ª. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972, p. 91- 97.

SALVA, Sueli. Narrativas da vivência juvenil feminina: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre. **Tese Doutorado em Educação**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.

SCOTT, Parry. Gênero e Geração em contextos rurais: algumas considerações. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010; p. 17-35

WHITAKER, DULCE C. A. **Ideologia e práticas culturais: o controle ideológico do trabalhador de cana**. Doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, 1984.

_____. **A Mulher & homem. O mito da desigualdade**. São Paulo: Moderna, 1988 (Coleção Polêmica).

_____. Mulher e educação. In: D’INCAO, M A. (org.) **O Brasil não é mais aquele: mudanças sociais após a redemocratização**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 61-76.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

_____. Nas franjas do rural-urbano: meninas entre a tradição e a modernidade. **Cadernos CEDES**, ano XXII, n. 56, abr. 2002.

_____. **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Venceslau, SP: Letras à margem, 2002.

_____. Ideologia x Cultura: Como harmonizar esses conceitos tão antagônicos? In: SOUZA, Eliana M. de Mello; CHAQUIME, Luciane Penteadó; LIMA, Paulo G. R. (orgs.). **Teoria e prática nas Ciências Sociais**. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003, p. 13-37.

WHITAKER, D. C., A.; FIAMENGUE, E. Assentamentos de reforma agrária: Novos atores e novos espaços sociais no campo. **Retratos de Assentamento, ano II, no. 2**, Araraquara - SP: Programa de Pós-Graduação em Sociologia FCL/Unesp/Nupedor/CNPq/1995, p. 61-78.

WHITAKER, D. C., A.; SOUZA, M. F. A permanência dos jovens nos assentamentos de reforma agrária: um rosário de equívocos. **Retratos de Assentamento**, Araraquara - SP: Programa de Pós-Graduação em Sociologia FCL/Unesp/Nupedor/CNPq, 2006, n. 10, p. 113-126.